

En Machado, Otávio Luiz., *Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior*. Recife-PE (Brasil): UFPE.

Casas de estudantes e educação superior no Brasil: Aspectos Sociais e Históricos.

Machado, Otávio Luiz.

Cita:

Machado, Otávio Luiz. (2007). *Casas de estudantes e educação superior no Brasil: Aspectos Sociais e Históricos*. En Machado, Otávio Luiz. *Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior*. Recife-PE (Brasil): UFPE.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/13>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/wFv>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

RIBEIRO NETO, A. "Um laço que não nos une mais". In: *Desvios*, São Paulo, n. 4, 1985, p. 58-71.

RIBEIRO, A. C. T. (1997). Modernidade e risco nas metrópoles brasileiras. In: CANESQUI, A.M. (org.). *Ciências Sociais e Saúde*. São Paulo, Hucitec/Abrasco.

SANFELICE, J. L. (1985). Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64. Parte 1. *Reflexão*. Campinas, v. 10, n. 31, jan-abr., p. 146-167.

SOUZA, J. T. P. de. (1999). *Reinvenções da utopia*. São Paulo, Hacker/Fapesp.

SPOSITO, M. P. (1993). A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, v. 5, n. 1 e 2, p. 161-178.

CASAS DE ESTUDANTES E EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: ASPECTOS SOCIAIS E HISTÓRICOS¹

Otávio Luiz Machado

Introdução

O objetivo principal do texto é recompor alguns aspectos das habitações de estudantes universitários brasileiros. É um tema que estamos trabalhando há vários anos, sendo estimulado em parte pela existência de poucos estudos, assim como da ocorrência de inúmeras visões distorcidas sobre as moradias estudantis no país.

No caso das "repúblicas", a inserção do estudante neste grupo ocorre com a inculcação de valores como solidariedade, responsabilidade e autonomia. O capital econômico não é o que influencia geralmente o cotidiano das "repúblicas", pois o capital cultural e social acumulado trocado ao longo de sua vida universitária é o que é decisivo.

Nas repúblicas mais abertas não existem critérios sócio-econômicos na seleção das novas vagas ou na organização do ambiente do espaço da moradia. Diferentemente do que ocorre nas "repúblicas", nos alojamentos e nas casas de estudantes universitários, o critério central para a entrada do estudante é ser oriundo de famílias de baixa renda².

Assim, a contribuição de todos estes espaços universitários na formação educativa e a própria inclusão maior dos grupos de

¹ Agradeço aos comentários de Luís Antônio Groppo.

² Entendemos como de "baixa renda", os estudantes que cursam a graduação na universidade e enfrentam dificuldades de manutenção no decorrer dos seus cursos em itens como livros e apostilas, transporte, alimentação e moradia, devido aos seus próprios rendimentos ou de sua família não arcarem adequadamente com todas as despesas, necessitando, desta forma, do apoio da universidade em todos ou em vários destes pontos. A UFPE tem discutido nestes termos (FONTE, 2003), identificando este estudante como aquele cuja família tenha no máximo uma renda de 2 salários mínimos por pessoa. Podem ser chamados em certos momentos estes estudantes de "desprivilegiados", pois não competem de forma igual com os demais estudantes que pertencem à universidade.

universitários na vida universitária, cremos que é uma problemática importante a ser estudada.

Mas como tratarmos a questão das moradias hoje sem analisar a própria história e formação das mesmas? Ou a história das moradias sem pensarmos a questão no atual momento?

Uma outra grande questão hoje para as universidades é a relação com as cidades. As universidades cada vez mais participam da vida das cidades, bem como as cidades participam mais da vida das universidades. Não existe tanto uma separação, sobretudo quando levamos em conta a vida comunitária de várias repúblicas e casas de estudantes integradas com as cidades nos seus mais diversos aspectos (econômicos, culturais, sociais etc).

Atualmente, a interiorização das universidades é uma prática cada vez mais adotada. Enquanto as primeiras escolas superiores se instalaram preferencialmente em grandes cidades, atualmente as pequenas e médias cidades brasileiras são escolhidas preferencialmente para a instalação de universidades. Em algumas cidades foram instaladas escolas superiores por causa do papel cultural que desempenhavam. Um destaque para as cidades históricas de Ouro Preto, São Luís e Olinda.

O aspecto das moradias dos estudantes e a relação com as cidades é uma questão crucial para Universidades. A Universidade Estadual Paulista (Unesp) é o grande exemplo de interiorização. A UNESP conta com campus em mais de 23 cidades no interior, além do Campus em São Paulo. A Universidade apresentou um estudo sobre o impacto da sua atuação em 14 dessas 23 cidades. O oferecimento de ensino, de produção de conhecimento relevante para estas cidades e prestações de serviços diversificados às suas populações, injeção de recursos via despesas dos funcionários, professores e estudantes foram alguns dos impactos da presença da UNESP nestas cidades (Bovo, 2003). A Unesp oferece moradias próprias aos alunos em vários campi. Também existem muitos alunos que alugam imóveis nestas cidades.

Além das diversas moradias, cremos que um outro ponto de encontro importante nas universidades são os restaurantes universitários (RUs). Eles permitem uma convivência importante entre todos os membros da universidade (estudantes funcionários ou professores).

Não se apoiando apenas no aspecto assistencial - importantes principalmente aos alunos de baixa renda -, os restaurantes universitários, as "repúblicas" e casas de estudantes criam um ambiente que gera aproximação e novas relações entre as pessoas oriundas de classes, culturas e formações diferenciadas. Os almoços coletivos dos estudantes no restaurante universitário, a presença dos grupos de republicanos em festas estudantis ou em solenidades universitárias demonstra que o grupo está unido não apenas em função do espaço físico da casa, mas de outros aspectos apresentados no seu "espírito de corpo".

Bourdieu pensou que todos os corpos dotados de um espírito corporativo - e exemplificando com as *fraternities* e as *sororities* das universidades norte-americanas - tais como as famílias se encontram submetidas a dois sistemas de forças: 1) forças da economia: introduzem tensões, contradições e conflitos; 2) forças da coesão: "que estão vinculadas ao fato de a reprodução do capital, sob suas diferentes formas, depender, em grande parte, da reprodução da unidade familiar" (Bourdieu, 2001b, p. 176-177).

Diferentemente da "habitación de estudiante", que está presente na teoria que Bourdieu e Passeron desenvolveram na França (Bourdieu & Passeron, 1969), outras muitas moradias universitárias não são lugares impostos pelas condições econômicas e sociais dos estudantes. Os critérios sócio-econômicos são suspensos, permitindo que uma maior integração dos estudantes ocorra também numa série de rituais e cerimoniais acadêmicos que buscam incessantemente incentivar a troca de capitais com a inculcação de um *habitus* republicano.

Pierre Bourdieu possui enorme contribuição para a teoria social, que está retratada de forma original em diversos trabalhos (Bourdieu, 1969, 1987). Muitos estudos relacionados à educação são estendidos aos de processos de distinção e de produção e reprodução da vida social através de muitas categorias deste teórico, tais como *habitus*, capital cultural e social e poder simbólico. As estratégias de acumulação de capital cultural e social utilizados por estes estudantes, assim como os locais privilegiados para o aprendizado extracurricular no ambiente universitário podem ser refletidos a partir desta perspectiva teórica.

Max Weber (um dos clássicos da teoria social) foi um intelectual que não estudou sistematicamente o tema dos

estudantes universitários e da vida comunitária nas universidades, embora tratasse com destaque diversos aspectos dos *colleges* norte-americanos que se localizavam em cidades pequenas. E que obrigavam os estudantes a habitarem dentro deles exercendo assim um “controle rigoroso sobre o modo de vida dos estudantes” (Weber, 1989, p. 75). Segundo Weber, as opiniões que recebeu em círculos empresariais norte-americanos explicitavam que os *colleges* tinham uma “função” de promover uma formação diferenciada no que tange à preparação dos estudantes em vivenciar de uma mesma experiência universitária, inclusive em instituições instaladas em pequenas cidades.

As grandes levas de estudantes que se deslocam de regiões inteiras para outras é um problema histórico. Na Alemanha, por exemplo, por volta de 1830, ali os estudantes migravam das universidades de inverno do norte para as universidades do verão do sul num movimento constante que passou a atualizar os ritos da vida estudantil coletiva nas pensões e nas cervejarias (Verger, 1996, p. 74).

A construção de um ambiente universitário diversificado também é uma questão universitária relevante:

“Na segunda metade do século XIX, estudantes universitários fundaram diversas organizações como grupos literários, sociedades secretas, times de futebol, clubes sociais, bem como *fraternities* (fraternidades). Estas últimas se constituíam em grupos fechados de estudantes, que residiam juntos em casas localizadas dentro ou na periferia dos *campi* e que, até hoje, podem ser identificadas por letras gregas nas suas fachadas. As primeiras fraternidades eram só para estudantes do sexo masculino. Passado algum tempo as estudantes fundam as *sororities* (irmandades³) para estudantes do sexo feminino. As várias *fraternities* e *sororities* espalhadas por todo o país, formam o *Greek System*, ou seja o sistema grego, que as une para que tenham maior organização. Esse sistema funciona como uma rede de apoio e de contatos sociais. Através dele os estudantes contam com apresentações e/ou recomendações, que

³ O termo *sorority* em inglês é o feminino de *fraternity*. Em português, o termo irmandade tem uma conotação mais religiosa do que de gênero feminino, o que não é o caso na língua inglesa. Por essa razão estarei usando *fraternity* e *sorority* em inglês. Usarei o plural, em português pois engloba os dois termos.

podem facilitar a busca de estágios, empregos, empréstimos e outras facilidades contam também com uma identidade que os diferencia” (Oliveira, 2003, s.p).

Mas a permanência em qualquer uma das *fraternities* tinha sempre algumas exigências:

“Para se pertencer a uma *fraternity* não basta pagar uma mensalidade, é preciso se candidatar. O candidato preenche uma ficha com fotografia, dados pessoais, especificando as razões pelas quais elegeu tal fraternidade para pertencer. Quem escolhe os novos sócios são os antigos residentes. É interessante que um candidato que tenha alguém da família que pertence a uma *fraternity*, possui uma chance maior de ser escolhido, ele possui uma *legacy*, ou seja, um legado. Existem alguns rituais referentes à passagem da condição de *pledged*, candidato, a membro da organização, ou seja, *brother* (irmão). O novo membro deve enfrentar desafios que lhe são impostos para mostrar que é merecedor de fazer parte da organização. A cada um dos novos membros selecionados é designado um irmão mais velho, que já mora na residência, para orientar o novato em termos de adaptação à vida no *college* e na *fraternity*. Existe todo um ritual de acolhimento aos novos sócios. Uma vez irmão, se é irmão por toda a vida. O pertencer a uma *fraternidade* exige lealdade, pois a ligação com esta não se encerra com a obtenção do diploma do *college*. Ela, de fato, continua e deve se expressar no apoio financeiro a obras sociais, na ajuda para a construção e manutenção de algumas residências universitárias para novos membros e, principalmente, apoio ao *college*” (idem).

Após uma breve introdução, agora nos deteremos sobre o caso do Brasil, que ao longo dos anos foi formando um conjunto universitário importante.

Um breve história das “repúblicas” universitárias no Brasil

No Brasil, na primeira instituição de educação superior, a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, criada na capital de São Paulo em 1827, a questão da cidade também foi importante. A

criação de instituições de educação superior geralmente provoca mudanças radicais nas cidades. E maior cidade do Brasil passou por tais questões com os estudantes: "São Paulo era tão pequeno que a chegada de um batalhão foi suficiente para não haver casas para alugar" (Souza Campos, 1954, p. 315).

Em Olinda, também, os estudantes da Faculdade de Direito (criada em 1827) passaram a encantar a histórica cidade com seus violões, flautas e modinhas, assim como em Ouro Preto - escola criada quase duas décadas depois -, traçando à vida da cidade um aspecto romântico e menos sombrio.

O clamor pelas pequenas cidades universitárias foi objeto de preocupação de um dos maiores pensadores brasileiros, Tristão de Athaíde, o Alceu Amoroso Lima:

"Pois aquilo que foi outrora S. Paulo, no tempo em que era a cidade dos estudantes, é hoje Ouro Preto. Seria aqui o lugar ideal para uma grande Universidade. E estou convicto que ainda o será algum dia no futuro, quando os políticos e educadores se convencerem que é nas cidades pequenas que se levantam, em geral, os maiores centros de estudos - Coimbra ou Salamanca, Oxford ou Bohuue, Cambridge (Harvard) ou Recife." (Athaíde, 1965, p. 5).

A Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, criada na capital de São Paulo no final dos anos 1820 (pertence à Universidade de São Paulo - USP), possuiu a primeira moradia universitária própria de uma instituição escolar, pois nesse período a cidade, então com 10 mil habitantes e considerada a 10ª maior cidade brasileira, ainda não dispunha de muitos imóveis para estudantes. E um conjunto de estudantes forçou a faculdade a abrir no seu mosteiro vagas nos próprios cubículos. Um dos primeiros problemas enfrentados por esta Faculdade quanto ao número de estudantes ocorreu em 1830. Especificamente com a entrada de mais 99 estudantes. E como sua maioria vinha de outras províncias, aí não restou à direção outra decisão a não ser a permissão para que alguns estudantes morassem nos próprios cubículos do mosteiro.

Assim, a primeira moradia própria de uma instituição de educação superior brasileiro funcionou num imóvel de dois andares, no Mosteiro da Ordem Seráfica de São Francisco, prédio de estilo barroco, inaugurado em 1647.

Na Faculdade de Direito de São Paulo, também, surgiram as primeiras casas que, embora não pertencessem à instituição, tinham forte ligação com a mesma pelo fato dos seus ocupantes pertencerem à Faculdade. Funcionava quase como um "anexo" da Faculdade. A designação de outra moradia estudantil existente "quando grupos de estudantes encontravam acomodações em casas, chamavam a estas de 'repúblicas'" (Dulles, 1984, p. 20), que tinham "um método democrático para a escolha dos dirigentes de seus grupos" (*idem*).

A exibição de uma vida universitária focada em "repúblicas", bares, dependências da faculdade e outros locais ajudaram na criação de um "espírito universitário". Tal situação foi exibida na segunda instituição de educação superior do Brasil, fundada na cidade de Olinda, Pernambuco, também tradicional pelas suas "repúblicas":

"Em Olinda - e mais tarde também em Recife - os estudantes faziam vida em *commum*, morando varios delles em uma só casa com um criado p'ra lhes fazer as compras e preparar a comida; costume igualmente seguido outr'ora pelos estudantes francezes. Reuniam-se assim de preferencia os collegas da mesma província, o que não excluía como academicos a solidariedade que existia entre todos. A isso chamavam republicas. Não haveria ahí nessa denominação uma reminiscencia daquellas 'pequenas Republicas', como eram chamados, na Renascença, os estabelecimentos universitários da Hespanha compreendendo as casas dos estudantes, que também eram privilegiadas? Como se sabe, a independencia desses estabelecimentos era absoluta. Elles gozavam de todas as imunidades, sendo uma das mais apreciadas a prohibição de fazer diligencias policiaes ou judiciais nas habitações dos lentes e estudantes. Como em todas as Universidades da Europa, a partir do seculo XII em que ellas receberam uma organização mais ou menos semelhantes não só quanto aos cursos e aos estudos, mas também no que diz respeito a corporação de mestres e alumnos, o estudante era naquelles centros uma 'potencia oppressiva, tyrannica, com a qual deviam contar os poderes publicos', diz um escriptor. Também no nosso pequenino centro de Olinda sem os privilegios e as imunidades das universidades medievaes, sem jurisdição especial e sem a independencia das 'pequenas Republicas', da Renascença, tão só por força da tradição, pelos fios de ligação multi-secular dessas instituições o estudante se constituiu uma força. Era na Academia

que se tinha refugiado em um período de revoluções a oposição religiosa e política - esta, sobretudo, que não teria talvez como órgãos senão os jornais dos estudantes" (Nestor, 1930, p. 12-14).

A cidade de Ouro Preto passou a ser a cidade das "repúblicas", com um sistema estabelecido de casas com preços razoáveis, a partir da transferência da capital de Minas para Belo Horizonte, em 1897, pois

"tinha afamados créditos educacional. Clima benigno, um tanto frio, excelente. Altitude de 1.100 metros. Água abundante, das melhores do Brasil. Cidade pequena, de vida tranqüila. Ambiente acariciador. Famílias afectuosas, acolhendo estudantes. Vida barata, tão barata, depois da mudança da Capital, que uma casa se alugava por 20\$000. Alguns prédios caíram e outros eram dados para moradia para se conservarem gratuitamente. Em "repúblicas" o estudante podia viver com apenas 100\$0000 mensais! Estudava-se de graça na Escola de Pharmacia e na Escola de Minas" (Racioppi, 1940, p. 13).

No início dos anos 1960, a falta de moradia, sobretudo para estudantes, foi um dos principais problemas para a Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP), quando pensava em resolver seus principais problemas de ensino e de administração. Em uma das reuniões da Congregação da EMOP, o Professor Moacyr do Amaral Lisboa levantou algumas questões:

"Alojamentos para alunos, residências para professores, recrutamento de novos elementos para o corpo docente e produção de trabalhos técnicos e científicos devem ser as novas metas da política da Escola de Minas para que ela possa manter o nome, o prestígio e as tradições que desfrutaram no seio das coletividades brasileiras e de além mar" (Ata da 787ª da Congregação da EMOP, Sessão em 13-02-1962).

E reclamou dos preços dos aluguéis e das pensões:

"Nesse modo de agir dos proprietários da cidade anula qualquer propaganda que se faça da Escola de Minas visando o aumento do seu número de alunos e contribuirá, mesmo para desviar aqueles que, lá fora, possam vir estudar em Ouro Preto" (idem).

Durante o Governo Washington Luís, quando foi sancionado um decreto do Congresso Nacional criando a Casa do Estudante Brasileiro (em Paris, França), realmente temos a demonstração clara do Estado agindo na questão da moradia estudantil, pois, conforme o próprio decreto, o objetivo era "facilitar a vida material dos estudantes patricios na capital francesa" (Decreto Nº 5.612, de 26 de dezembro de 1928). Assim, mesmo com a preocupação de apoiar estudantes brasileiros residentes no exterior, o apoio foi dado e importante para marcar o início de uma série de políticas públicas ao setor da moradia estudantil.

A Casa do Estudante do Brasil também é um marco. Mesmo sendo uma entidade privada sustentada com muitos subsídios do setor público, a entidade foi um parâmetro para o que se devia fazer ou não fazer em termos de assistência estudantil. Criada em 1929, por longos anos influenciou os assuntos estudantis oficiais. Seus objetivos eram o apoio assistencial e a promoção do intercâmbio cultural. Sua fundadora e por anos presidente, Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, tornou-se a quase proprietária da própria instituição que fundara e conduzia.

Um marco realmente na questão estudantil aconteceu no pós Revolução de 1930. Com o estabelecimento de novas regras para a educação superior brasileira, a adoção de um sistema universitário, Getúlio Vargas consolidou um sistema de casas de estudantes ou alojamentos universitários. E foi através de uma participação maior dos estudantes na administração de diversas atividades das escolas superiores. Com a criação dos DCEs (Diretórios Centrais de Estudantes) e Das (Diretórios Acadêmicos), os estudantes passaram a administrar cantinas e restaurantes. E puderam fundar e administrar moradias com recursos públicos.

O Estatuto das Universidades Brasileiras, anunciado pelo Ministro da Educação e Cultura do Governo Provisório de Vargas (em 1931), Francisco Campos, tinha a intenção de estabelecer universidades que pudessem ser um "centro de contato, de colaboração e de cooperação de vontades e de aspirações, uma família intelectual e moral" (Campos *apud* Fávero, p. 22). Por isso, a organização dos estudantes dar-se-ia no sentido de "criar e desenvolver o espírito de classe, a defender os interesses gerais dos estudantes e a tornar agradável e educativo o convívio entre os membros dos corpos discentes" (idem, p. 79).

A organização de entidades assistenciais de moradia, alimentação, atividades científicas e esportivas tinham ajuda financeira oficial por meio de verba determinada e repassada pelo recém-criado Conselho Técnico-Administrativo.

A Casa do Estudante de Pernambuco (CEP), por exemplo, fundada em 1931 num prédio alugado do Recife (na rua do Hospício), foi fruto deste movimento assistencialista encampado pelo Presidente Getúlio Vargas. A CEP foi para a sua sede definitiva num amplo casarão no bairro do Derby, no ano de 1935.

Todo este período pode ser contextualizado no *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, em 1932, assinado por vários intelectuais brasileiros que propugnavam a “reconstrução educacional do Brasil” através de uma nova postura de todos na grande obra da educação. E das quais destacáramos do documento dos manifestantes a constituição de sociedades de ex-alunos, entidades estas que manteriam a partir daí uma relação constante com várias das escolas.

Quanto às sociedades de ex-alunos e os demais potenciais participantes da grande obra educacional, o Manifesto deixava claro a sua importância:

“Utilizando, em seu proveito, os valiosos e múltiplos elementos materiais e espirituais da coletividade e despertando e desenvolvendo o poder de iniciativa e o espírito de cooperação social entre os pais, os professores, a imprensa e todas as demais instituições diretamente interessadas na obra da educação.” (*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, 1932).

Na década de 1930, em que também podemos demonstrar a participação dos ex-alunos dos cursos tradicionais (sobretudo Medicina, Direito e Engenharia) na vida universitária, ainda gostaríamos de tratar deste modelo de “associações de antigos alunos”. As mesmas estiveram presentes em várias universidades norte-americanas, como Harvard, nos anos 1840.

No Brasil, tal modelo somente passou a ocorrer nos anos 1930, quando os ex-alunos pretendiam inicialmente participar das datas comemorativas das faculdades e universidades. E passaram a apoiar grandes iniciativas em prol, sobretudo, dos estudantes. A mais antiga destas associações no Brasil é a da Faculdade de

Medicina da USP, em 1930. Além da participação nos cerimoniais acadêmicos da faculdade, a associação ainda pretendia “interessar-se pelas iniciativas que teriam por fim melhorar as condições materiais dos alunos matriculados na Faculdade de Medicina de São Paulo” (Souza Campos, 1954, p. 529). Algumas destas associações, sobretudo de cursos com ex-alunos de maior influência, como a da Politécnica da USP, tomaram a iniciativa de construir uma casa de estudante em terreno doado pela prefeitura, em 1939, numa das primeiras iniciativas deste tipo (*idem*, p. 558).

Tais associações foram imprescindíveis para o desenvolvimento dos *colleges* dos Estados Unidos. E influenciavam decisivamente tais instituições:

“As fraternidades dão suporte a organizações de *alumni*, ex-alunos, que mantêm um forte vínculo com a sua *alma mater*. Essa expressão, que a tradição inglesa passou para a norte-americana, refere-se àquele ambiente expresso em ideais, valores, normas, atitudes, bem como os aspectos naturais e arquitetônicos, que caracterizam e dão vida a uma instituição de ensino: pode-se dizer a sua filosofia, história e geografia. Desta forma cada instituição, cada *college* deixa uma marca indelével naqueles que por ele passam, marca que permanece ao longo de suas vidas. É importante salientar que muitos professores famosos de Cambridge e Oxford foram enterrados nos cemitérios das respectivas universidades. As relações dos *colleges* e universidades com as fraternidades variam muito. As fraternidades, como organizações da sociedade civil, realizam várias ações filantrópicas, como dar bolsa de estudos, por ex.. Os *colleges* são beneficiados com essas bolsas e com o significativo suporte financeiro de *alumni*, que pertencem a uma *fraternity*, que está presente no seu *campus*. No entanto, as fraternidades muitas vezes se constituem em poderes paralelos. Algumas vezes, os alunos se sentem mais ligados a suas *fraternities* do que ao *college*, deixando de obedecer as regras estabelecidas por esse último” (Oliveira, 2003, s.p.).

No Brasil, na antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, desde 1938 o Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto buscava criar a sua entidade assistencial, através da busca de apoio junto à Casa do Estudante do Brasil (CEB).

Mas devemos ressaltar que a CEB foi uma entidade que passou a sucumbir com a criação da União Nacional dos Estudantes

(UNE), em 1938. A entidade pretendida pelos estudantes de Ouro Preto veio a surgir apenas em 1946, com a Casa do Estudante de Ouro Preto (CEOP). Criada para ser uma "uma instituição visando especialmente promover todas as formas de proteção e beneficiência aos estudantes de Ouro Preto" (Ata de fundação da Casa do Estudante de Ouro Preto), recebeu recursos públicos e privados desde os primeiros instantes.

Uma outra entidade, a Casa do Estudante da Escola de Minas, que foi criada em 1953, tinha por finalidade principal fornecer aluguel acessível, bolsa dos alunos da Escola e "alojamentos confortáveis e higiênicos" (*folder* da instituição). Foram para isso construídas várias "repúblicas" tradicionais dos estudantes de Ouro Preto ou reformados prédios antigos. A criação de uma nova entidade foi uma forma da Escola de Minas não dividir recursos "destinados a Ouro Preto" com a Escola de Farmácia e a Escola Técnica, pois seus ex-alunos, postos em empresas e cargos públicos chaves, passaram a questionar sobre a destinação dos seus esforços para outras escolas.

Em 1955⁴, a Casa do Estudante da Escola de Minas conseguiu do Congresso Nacional, e da Presidência da República, pelos deputados Israel Pinheiro e Francisco Leite Neto, verba programada para o orçamento de 1954. Foram os seguintes valores e destinos: 1) Casa do Estudante da Escola de Minas - um milhão e trezentos mil cruzeiros; 2) Excursões - duzentos mil cruzeiros; 3) Bolsas de Estudo - duzentos mil cruzeiros.

As transformações da educação superior nos anos 1960 também atingiram em cheio as moradias universitárias. Tais impactos afetaram a moradia universitária que não se podia deixar de contemplá-las em todas as políticas públicas. Até então muitas universidades se constituíam com a junção de faculdades isoladas, sobretudo nos cursos de Engenharia, Direito e Medicina.

Um projeto ambicioso de moradia neste período, tanto para professores como para estudantes e funcionários não foi colocado totalmente em prática. Trata-se do projeto Universidade de Brasília (UnB), que pretendia construir moradia para toda a sua população

⁴ Esta comunicação foi feita em Assembléia Geral Extraordinária do DAEM de 25 de março de 1955.

universitária até 1970 (MEC, 1962), num trabalho que foi sendo abortado após o golpe de 1964.

A UnB foi criada para ser um modelo para as demais Universidades, conforme os diversos depoimentos neste documento do MEC (1962): 1) Professor José Leite Lopes, do então Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais: "Construa-se ali uma universidade nos moldes mais modernos, mais eficientes e mais adaptados à época da revolução científica que estamos vivendo hoje, e que as demais universidades pelo exemplo do que se fizer em Brasília procurem ver que não haverá outra saída que não modificarem sua estrutura atual" (*idem*); 2) Celso Furtado, da então SUDENE: "Universidade de Brasília constitui uma grande oportunidade de tentar reorientar todo o sistema universitário brasileiro" (*idem, ibidem*).

Enquanto isso novas casas de estudantes iam sendo criadas. Por exemplo, a Universidade do Rio Grande do Sul criou, em 1960, a Casa dos Estudantes das Faculdades de Agronomia e Veterinária (CEFAV), substituindo um antigo prédio que funcionava como casa de estudante e outros setores de apoio.

Em outras moradias que já haviam sido criadas anteriormente, como as de Ouro Preto, a discussão foi sobre a permanência das repúblicas na cidade. Em 1961, os estudantes discutiram a questão do repasse das casas da Casa do Estudante de Ouro Preto (CEOP) para a Fundação Gorceix (FG), que para eles, "viria a acarretar um domínio completo sobre a vida do estudante". Entre 1962 e 1963, na Presidência de Luiz Carlos de Assis Moreira na Comissão Executiva da Casa do Estudante da Escola de Minas (CEEM) criou-se três frentes para a busca de apoios para a CEEM: 1) Empresas: em carta-circular enviada pelo Presidente intitulada "Da Casa do Estudante da Escola de Minas às indústrias do país", havia uma análise sobre as condições necessárias para "atender aos novos planos da Escola de Minas", ou seja, o de aumentar o número de alunos. Tais medidas para o aumento do número de estudantes seguiam o Plano Nacional de Educação, de 1962. E a CEE expõe naquela carta a expansão da principal empresa da cidade e o aumento da procura das poucas casas disponíveis em Ouro Preto, afirmando que, enquanto isso, os estudantes viviam em casas sem reformas e que prejudicavam seus estudos. O objetivo da carta era sensibilizar as empresas no sentido de que doassem uma casa para a

entidade com o compromisso que a CEEM fornecesse à república criada o nome do seu nome doador (carta datada de janeiro de 1963, Prof. Luiz Carlos de Assis Moreira, Presidente da Comissão Executiva da CEEM); 2) Embaixadas: Outro fato importante, nesta verdadeira campanha para a aquisição de novas casas para repúblicas, é que a CEEM enviou correspondências às principais embaixadas dos mais importantes países no Brasil, como os Estados Unidos, ressaltando que “gostaríamos que Ouro Preto pudesse oferecer melhores condições de hospitalidade” (carta datada de 8 de julho de 1963). E explicita que havia um plano de construção de mais 18 casas, além das 15 das entidades. “Cada casa receberá o nome do País que financiar a aspirada construção, numa justa homenagem à sua abnegação”. Os Estados Unidos, através da “Agency for International Development” (Agência para o Desenvolvimento Internacional), respondeu à sua carta, ressaltando não dispor de verbas, embora ressaltando que vinha “contribuindo com recursos consideráveis para a educação do Brasil”, e que “nossos recursos aplicados naqueles de maior urgência e que possam vir a contribuir mais eficazmente para o bem estar e para o desenvolvimento do Brasil num sentido mais lato” (06 de novembro de 1963); 3) Apoio de Ex-Alunos e Empresas próximas dos ex-alunos: no encaminhamento da mesma correspondência a algumas empresas que possuíam ex-alunos da Escola de Minas, a resposta mais surpreendente foi do representante de uma empresa de Minas Gerais - que também era membro do Conselho Diretor da Fundação Gorceix -, que ao ser procurado pela Presidência da CEEM, salientou que sua empresa já fazia doações à Fundação Gorceix, e assim, não se podia ajudar a CEEM;

Havia a pretensão da CEEM em assumir parte das casas que pertenciam à Casa do Estudante de Ouro Preto (CEOP), que era a parte que cabia aos estudantes de Engenharia. Em 1963, o presente Presidente da CEEM explanou aos estudantes que durante sua gestão nada foi feito além de pequenos consertos, pensando ser necessário o apoio da FG para resolver os problemas da CEEM e que, “desmoralizá-la será fechar às portas a salvação da E.M.O.P”.

O sistema de moradias universitárias ainda foi ampliado no regime militar pós 1964. Na gestão do Ministro Jarbas Passarinho (1969-1973), algumas entidades passaram a receber financiamento contínuo, como a Casa do Estudante de Pernambuco. Ainda em

Recife, nos anos 1970, foi inaugurada a Casa do Estudante Universitário da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). No Rio de Janeiro, um antigo prédio no bairro do Flamengo, transformou-se na Casa do Estudante Universitário, em 1973. Porém, fechado nos anos 90 após o seu completo abandono.

A construção de moradias para estudantes teve grande fôlego ainda nos anos 80, com a construção de repúblicas na UFOP e de várias casas na Unicamp. A Unicamp é uma das universidades que possuem regulamentos que tratam amplamente de uma discussão educacional e não meramente assistencialista em relação à moradia estudantil, pois o entendimento da Universidade é de que não se deve apenas fornecer moradia para os estudantes de famílias de baixa renda, mas “proporcionar um espaço de discussão sobre as questões concernentes à Academia, bem como uma área de estudos e produção intelectual, incentivando a formação interdisciplinar”, “possibilitar a integração entre os estudantes e a Comunidade Externa” e “oferecer melhores condições para criação intelectual e a livre manifestação cultural dos estudantes” (UNICAMP. Deliberação Consu-A-24, de 04/12/2001).

Conclusões

São diversas as experiências vividas em casas de estudantes, seja os alojamentos, seja as repúblicas. Ou outros tipos de moradias. Foi comum nos diversos depoimentos que coletamos a seguinte questão sobre a importância da vida em moradias universitárias: o processo de socialização passa a ser mais acelerado. A experiência social e comunitária é estimulada para abrir caminho a uma rica experiência extracurricular. Além do mais, uma crítica à sociedade capitalista em si, que foi comum nos anos 1960, encontrou forte respaldo nos estudantes do período que habitavam locais que ofereciam alternativas de convivência e de relação social. Conforme Wolfgang Maar, ex-morador do Crusp, “nos identificávamos por nossos interesses, e não com base em nosso desempenho em relação à sociedade constituída” (Maar, 1998).

Desta forma, a reivindicação de moradia estudantil é antiga. É uma constante preocupação com a expansão da educação

superior, a revitalização das cidades e da formação educacional e política dos estudantes universitários.

Fontes

Documentos

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Reforma Universitária: avaliação da implantação - Universidades federais*. Salvador: Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público, Convênio ISP/UFBA/MEC/DAU, 1975. 2 volumes.

CAMPOS, Francisco. *Exposição de motivos do Ministro Francisco Campos sobre a reforma do ensino superior*. Diário Oficial, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1931.

Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto (DAEM). *Ofícios diversos*.

_____. *Boletins diversos*.

Escola de Minas de Ouro Preto. *Atas da Congregação*.

_____. *Ofícios diversos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL LISBOA, Moacyr do. "As repúblicas de Ouro Preto". In: *Revista da Escola de Minas*, p. 43-48, 1976.

ATHAÍDE, Tristão de. In: *Comentário na Voz do GLTA*, Ouro Preto, GLTA, 1965.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *La Noblesse d'Etat*. Paris: De Minuit, 1989.

_____. *O Poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 3ª ed. Campinas: Papirus, 2001b.

_____. & PASSERON, J. C. *Los estudiantes y la cultura*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Labor, 1969.

CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. São Paulo: Editora Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), 1978.

DULLES, John W. F. *A Faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas. (1938-1945)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Edusp, 1984.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque (org.). *Universidade do Brasil. Guia dos dispositivos legais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/INEP, 2000.

FOLHA DE S. PAULO. "Morar em república pede divisão de tarefas". São Paulo, 23/01/2003.

FONTE, Eliane Maria Monteiro da (org.). *Limites e possibilidades da assistência estudantil no espaço universitário*. Recife: PROACAD/UFPE, 2003.

MAAR, Wolfgang Leo. *Depoimento à Fundação Perseu Abramo*. São Paulo: sítio www.fpabramo.org.br, 1998.

MACHADO, Otávio Luiz. "As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil". In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, nº 66, p. 197-199, outubro de 2003.

_____. "As 'repúblicas' e a expansão da educação superior: o caso da UFOP". Ouro Preto-MG, *Jornal da UFOP*, maio/julho de 2004, p. 11.

_____. (org.) *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. No prelo.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC. *Universidade de Brasília. Projeto de Organização, pronunciamento de educadores e cientistas e lei nº 3.998 de 15 de dezembro de 1961*. Brasília: MEC, 1962.

NESTOR, Odilon. *Faculdade de Direito de Recife: traços de sua história*. 2ª ed. Recife: Imprensa Industrial, 1930.

OLIVEN, Arabela Campos. "A marca de origem: comparando colleges norte-americanos e faculdades brasileiras". In: *GT Educação e Sociedade - XXVII Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais*, Caxambu, 2003.

RACIOPPI, Vicente de Andrade. *Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto. Memória Histórica apresentada ao 3º Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia Comemorativo do Bi-Centenário de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940.

SOUZA CAMPOS, Ernesto de. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Editora da USP, 1954.

UNICAMP. *Deliberação Consu-24*. Campinas: Unicamp, 04/12/2001.

WEBER, Max. *Sobre a Universidade*. São Paulo: Cortez, 1989.

QUARTA PARTE: Homenagens Especiais